



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Rasera, Emerson F.; Guanaes, Carla; Japur, Marisa
Psicologia, Ciência e Construcionismos: Dando Sentido ao Self
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 17, núm. 2, 2004, pp. 157-165
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18817204>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Psicologia, Ciência e Construcionismos: Dando Sentido

Emerson F. Rasera^{1,2}

Carla Guanaes

Marisa Japur³

Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto

Resumo

O construcionismo social tem sido proposto como um conjunto de elaborações da crise paradigmática das ciências nas últimas décadas. A complexidade e riqueza de tais elaborações dificultam uma descrição unitária sobre o construcionismo social. Neste artigo temos como objetivo explorar as propostas de Kenneth J. Gergen e Rom Harré acerca do construcionismo social, seus pressupostos, a visão de ciência promovida por cada um, compreender as implicações para a construção de suas descrições de *self*. Se é possível identificarmos diferenças entre as propostas destes autores, algumas diferenças significativas marcam a distinção de suas posturas, e servem para entendermos as tensões no qual outros autores construcionistas buscam ativamente se posicionar.

Palavras-chave: Construcionismo Social; teoria; *self*.

Psychology, Science and Constructionisms: Making Sense of Self

Abstract

Social constructionism has been proposed as a set of answers for the scientific paradigmatic crisis of last decades. The complexity and richness of its statements make difficult a unitary and consensual description of what is social constructionism. Our objective in this article is to explore in more details Kenneth J. Gergen and Rom Harré's constructionism, its assumptions and view of science, thus favoring an understanding about the way they understand the self. Although it is possible to identify many similarities in their proposals, some different positions, and help to map this field of tensions in which other constructionist authors try to position themselves.

Keywords: Social Constructionism; theory; self.

O construcionismo social⁴ tem sido proposto como um conjunto de elaborações da crise paradigmática que têm sofrido as ciências nas últimas décadas (Gergen, 1985). Ele tem se desenvolvido no campo da Psicologia baseado em uma concepção alternativa do funcionamento da ciência e suas formas de investigação. Podemos entender o construcionismo como decorrente de uma tensão historicamente muito antiga, entre empiristas e racionalistas, que tem ganhado uma forma e um nome específicos nas últimas décadas, promovidos por um conjunto de autores (Gergen, 1997; Harré, 1998; Parker, 1998; Shotter, 1993; Spink, 1999) que de diferentes modos têm revisto tal tensão.

têm entre si apenas uma “semelhança”, outros ainda afirmam não existir unidade entre os autores (Potter, citado em Nightingale & Reason, 1996). No lado, é possível rapidamente encontrar diferenças entre as propostas, nas quais marcamos a distinção entre os construcionistas e não-construcionistas, por outro lado, o que os une permanece.

Construcionismo ou Construção Social: um Campo de Tensões

Algumas tentativas de descrever as diferenças entre as propostas construcionistas foram feitas

determinados autores (Gergen, 1997; Hacking, 1999) faz da definição/distinção do construcionismo um pseudoproblema. Contudo, se uma descrição única do construcionismo não precisa ser buscada, uma análise comparativa sobre as especificidades de algumas propostas pode dar visibilidade a algumas tensões que compõem o campo de preocupações construcionistas,clareando as opções de cada autor e as implicações destas nas análises dos objetos estudados.

Assim, neste artigo, temos como objetivo explorar as propostas de Kenneth J. Gergen e Rom Harré acerca do construcionismo social, seus pressupostos, a visão de ciência promovida por cada uma delas, buscando compreender as implicações para a construção de suas descrições do *self*. Trata-se de um exercício reflexivo que busca situar tais propostas a partir de seu próprio vocabulário e preocupações específicas, preservando a riqueza de cada descrição e explicitando a heterogeneidade do construcionismo social.

A escolha destes autores se pautou pela auto-identificação dos mesmos como construcionistas, por apresentarem uma definição sistematizada desta perspectiva, associada ao fato de ambos terem produzido trabalhos específicos a respeito do conceito de *self* (Gergen, 1991; Harré, 1998), facilitando a tarefa analítica aqui pretendida. A escolha do conceito de *self* como foco de nosso estudo deveu-se à centralidade deste conceito para a Psicologia, sendo assim um ótimo exemplo para explicitarmos as contribuições construcionistas para a mesma.

A Ciéncia como Empreendimento da Cultura: Pós-modernidade, *Self* e Discurso

Apesar das divergências entre os pesquisadores na descrição do construcionismo, é possível identificar claramente a proposta de uma Psicologia de cunho construcionista nos trabalhos de Gergen, a qual está articulada a uma forma de pensar a prática científica e o desenvolvimento do conhecimento.

Gergen (1999), na tentativa de descrever algumas idéias centrais sobre o construcionismo social, enfatiza:

gerar conhecimento, implicam em diferentes maneiras de dar sentido ao mundo e de agir socialmente.

4) a valorização de uma postura crítica que o conhecimento está associado a determinantes sociais de produção, o construcionismo como forma crítica e reflexiva sobre os saberes gerados e a transformação de nossas próprias tradições.

A partir destas idéias, a ciência na construçãoista, conforme a descrição do empreendimento da cultura, e deixa de ser uma epistemologia dualista da distinção sujeito-objeto, orientado por uma epistemologia social, verdade realizada pela mente individual, questões de inteligibilidade, utilidade social existentes em determinados padrões de interação social. A ênfase na natureza contingente, no caráter social de produção do conhecimento, a proposição tanto de um objeto, como de um sujeito únicos na Psicologia.

Gergen (1997) propõe uma visão instrumental pragmático de sustentação das inteligibilidades tradicionais. A redescricão da ciência psicológica como prática social contém transformações teóricas e metodológicas científico visando contribuições que potenciam a cultura.

A contribuição da ciência para a manutenção existentes, numa perspectiva construtivista, da formulação de inteligibilidades teóricas determinados entendimentos que facilitem as ações humanas dentro de limites sócio-ambientais. Por outro lado, a ciência pode promover um processo de transformação das convenções sociais a partir de investigações críticas, uma crítica interna, uma crítica cultural, até mesmo um desalojamento (*scholarship of dislodgment*). A crítica refere à avaliação e reflexão por parte dos pesquisadores das descrições do real e as práticas associadas a este. Com esta postura avaliativa, temos uma crítica social. O debate está relacionado a perspectivas de desenvolvimento sustentável.

democratização, através da qual múltiplos parceiros são convidados a dialogar sobre as formas e os resultados da produção científica; e a reconstrução, na qual esforços são dirigidos para a proposição de novas visões, vocabulários e práticas que promovam a transformação cultural.

Estas posturas desconstrutiva e de crítica interna promovidas pelo construcionismo social produzem na Psicologia a necessidade de se rever as descrições/definições do conceito de *self*, considerado por muito tempo o objeto de estudo privilegiado desta ciência, e de se propor novas formulações. Assim, o estudo do *self* está presente em diversos trabalhos de Gergen (1991, 1997, 1999). Associado às críticas ao realismo e ao essencialismo de muitas definições do *self* e suas contribuições para uma cultura individualista, Gergen ao investigar o *self* abandona a busca pela definição universal de um *self* nuclear, organizado, estável e autêntico como no projeto da ciência moderna.

De sua ênfase no estudo da linguagem decorre a descrição do *self* como um discurso: de um lado, buscando situar as condições sócio-históricas concretas de emergência de um novo vocabulário sobre o *self*, e de outro, analisando as formas pelas quais as narrativas sobre o *self* socialmente disponíveis são utilizadas na sustentação dos relacionamentos. Há assim uma exteriorização, multiplicação e contextualização histórica da construção do *self*.

Em seu livro *The saturated self*, Gergen (1991) analisa as condições de emergência de uma nova forma de descrever o *self* – o *self* saturado, identificadas ao processo de saturação social promovido pelo desenvolvimento tecnológico, especialmente dos meios de transporte, das telecomunicações e variadas formas de mídia, nas últimas décadas. O *self* saturado aí descrito relaciona-se aos padrões de relacionamento social de um mundo pós-moderno, no qual há um intenso fluxo e contato de pessoas e tradições que levam ao questionamento reflexivo, a inúmeras possibilidades de negociação e reconstrução. Neste processo de saturação social, emerge um *self* povoadão por múltiplas e contraditórias possibilidades de ser, para o qual se ampliam as oportunidades de relacionamento com os outros, mas também se torna mais difícil a integração de diferentes perspectivas.

A ampliação da conexão social, a multiplicidade de investimentos e o processo de multifrenia caracterizam-se por “uma tensão do dever”, devido às necessidades de manter inúmeros relacionamentos; b) “uma tensão da dúvida”, dada a diversidade de possibilidades de relacionar e descrever o mundo; c) “uma tensão da irracionalidade”, pelo reconhecimento de que as determinadas formas de ser e ação.

Este processo de saturação social é resultado da descrição de um *self* relacional, que se tornou cada vez mais desgastada dos discursos românticos. Gergen chama a atenção para a necessidade de se questionar qual aspectos prévios e referidos permanecem nessa descrição parte de relacionamentos.

Entre estes sinais podemos apontar: a) a necessidade de explicitar o domínio social da descrição, por autores que mostram como as normas estabelecidas sobre a narrativa do *self* compreendemos o passado. Na narrativa do *self* está associada a uma sociobiografia, memória compartilhada. Segundo Gergen, a memória é como performance cultural. Há uma ligação entre a biologia para a cultura no entendimento de que numa encenação, o sistema biológico é usado para expressar determinada emoção, que é vivida em si mesmo. Há cenários emocionais que são possibilidades que disponibilizam e demandam respostas entre os participantes num jogo emocional. Terceiro, a descrição do *self* é um fenômeno relacional, existindo possibilidades justificativas para uma boa ação que são disponibilizadas na cultura e são usadas quando as ações das pessoas não são inerentes ao seu *self*. A pluralidade de realidades sociais pode causar tensões e ambigüidades que são moralmente aceitável, sendo a tensão entre a divergência de perspectivas entre os outros e a perspectiva do próprio *self*.

narrativa de *self*. Ele, então, analisa as narrativas de *self* como forma de descrição social, como recurso conversacional, como um “implemento lingüístico embutido em seqüências convencionais de ação e empregados nos relacionamentos de tal forma a sustentar, incentivar ou impedir determinadas ações” (p. 187).

Considerando esta concepção, a inteligibilidade do *self* está relacionada à estrutura das descrições narrativas. Para este autor, as propriedades das boas narrativas são histórica e culturalmente determinadas, sendo que as convenções narrativas contemporâneas se organizam a partir dos seguintes critérios: 1) estabelecimento de um desfecho; 2) seleção de eventos relevantes para o desfecho; 3) ordenação dos eventos; 4) preservação da estabilidade da identidade da personagem; 5) presença de ligações causais entre os eventos; e 6) indicação de signos de demarcação. Narrativas de *self* pautadas por estes critérios promovem, em nosso contexto sócio-histórico atual, um maior senso de realidade e eficácia social, favorecendo um maior senso de coerência e direção na vida.

Segundo Gergen (1997), certas formas básicas de narrativa são amplamente compartilhadas na cultura. Para ele, todos os enredos podem ser convertidos para uma forma linear em termos de mudanças avaliativas ao longo do tempo, segundo três formas narrativas rudimentares: estabilidade, progressiva e regressiva. Nas, o movimento na dimensão avaliativa ao longo do tempo permanece imutável, é crescente ou decrescente respectivamente. Estas formas narrativas rudimentares geram variações mais complexas, tais como a narrativa trágica, na qual há uma narrativa progressiva seguida de uma narrativa regressiva e a saga heróica, na qual há uma série de fases de narrativas progressivas e regressivas.

As narrativas podem se referir a períodos amplos de tempo, as macronarrativas, bem como eventos de curta duração, as micronarrativas. Estes dois tipos de narrativas podem se entrelaçar gerando narrativas encaixadas. Nestas, juntamente com relatos de um tempo distante há descrições de eventos recentes. Segundo Gergen (1997), na medida que a cultura valoriza a consistência entre as narrativas, as macronarrativas passam a ter uma importância significativa,

descrição de uma identidade duradoura, integrando-a e gerando segurança naqueles relacionamentos que suportam tal descrição para sua manutenção.

São nos contextos de relacionamento que os indivíduos têm suas potencialidades e limites determinados. A possibilidade de se descrever através de uma narrativa de qualquer tipo depende da comunidade social em que é inserido, dos relacionamentos aí existentes. A narrativa moral a que estão sujeitas quaisquer narrativas é sempre a maior parte das vezes incluem a perspectiva dos participantes. Assim, a validade narrativa não é uma questão de confirmação do outro, de seu acordo quanto ao que foi descrito. Constrói-se, assim, uma rede de interações reciprocas. Para Gergen (1997), “As identidades sociais nunca são individuais; cada uma é suspensa no contexto de relacionamentos precariamente situados entre os outros, sobre o que acontece aqui e agora – entre pessoas infinitas” (p. 209). Esta forma de descrever a si mesmo é uma narrativa contada por nós e pelos outros, que usa de determinados vocabulários e discursos disponíveis, reafirma as perspectivas e as propostas por Gergen a respeito da especificidade histórica das descrições do mundo, das estruturas de relacionamentos na sustentação do conhecimento, da interligação entre conhecimento e ação, abrindo espaço para reflexões críticas sobre as contribuições e limitações da manutenção e/ou transformação da cultura.

A Dualidade da Ciência Psicológica: Discursivas e *Selves*

A discussão sobre ciência e sobre as modalidades de descrição orientam uma perspectiva construtivista, desenvolvida por Harré (1998) em seu livro *Relating to the World*, a partir da proposição de uma Psicologia Discursiva. Na investigação dos fenômenos psicológicos, para este autor, a Psicologia Discursiva descreve a realidade de uma forma particular de explicação, onde a realidade é uma produção essencialmente humana, histórica, social e cultural, situada, orientada por regras e convenções que permitem a sua transmissão e compreensão entre os sujeitos.

Do mesmo modo, para a Psicologia Discursiva, os fenômenos psicológicos deixam de ser descritos como expressões de um mundo mental interior, e passam a ser vistos como descrições socialmente contextualizadas, que engendram determinadas práticas sociais e formas de relacionamento. Por este ponto de vista, a especificidade do ser humano reside na sua capacidade para a linguagem e, assim, o foco de investigação na Psicologia recai sobre os diferentes discursos através dos quais os fenômenos psicológicos são produzidos pelas pessoas em seus relacionamentos. Conforme descrito por Harré (1998), “a pessoa não tem atributos psicológicos outros além de seu poder de produzir o fenômeno psicológico no fluxo das ações públicas e privadas” (p.15).

A partir disto, Harré (1998) afirma o caráter essencialmente dual da ciência psicológica e sua dupla ontologia. Segundo ele, antes de tudo, ser uma pessoa implica em ter uma dotação biológica característica, que possibilita a aquisição da linguagem e o ingresso no universo discursivo. Cérebros, sistema nervosos e aparelhos perceptivos constituem as pessoas de uma determinada forma e funcionam como “ferramentas” necessárias para o desenvolvimento da linguagem e para a realização das mais diversas atividades. Para Harré, “todo fenômeno psicológico só é possível em virtude de uma certa condição ou estado do cérebro e sistemas nervosos daqueles engajados na atividade” (p.15), o que denomina de “condição capacitante”. Algumas destas condições são parte da própria natureza humana, enquanto outras podem até mesmo ser estabelecidas por treino ou prática.

No desenvolvimento desta primeira ontologia, Harré (1998) baseia-se fundamentalmente nas concepções de Vygotsky acerca do desenvolvimento humano e, em especial, dos processos de aquisição da linguagem. Para Harré, a dotação biológica humana (cérebro, sistema nervoso) se manifesta inicialmente em atividades mentais desordenadas e indiferenciadas, que são posteriormente organizadas através da aquisição de habilidades discursivas, que se constituem como característica central na organização da experiência humana. É esta transição para a possibilidade de linguagem

Além disso, Harré (1998) considera a existência de algumas condições que estão fora de qualquer discurso, tais como as próprias condições que tornam a linguagem possível – como expressões naturais de sentimento, de ponto de vista perceptual, etc, sem as quais não existiria sequer a possibilidade de desenvolvimento de um sistema simbólico; uma fundação etológica essencial – incluindo tanto o aspecto relacional como a possibilidade lingüística; e a existência de uma ordem moral em curso, sem a qual não haveria qualquer possibilidade de discurso e significação. Harré (1998) argumenta, contudo, que esta ênfase dada às condições capacitantes para o uso da linguagem não desconsidera as dimensões relacional, temporal e contextual do processo de produção do *self*. Para ele, as pessoas constróem seus atributos pessoais, habilidades e capacidades, bem como sentidos sobre o mundo material a sua volta, nas práticas discursivas, na interação com outras pessoas, e esta construção estará sempre sujeita a variações em função de aspectos culturais e temporais em curso. Esta visão de Psicologia Discursiva favorece, entre outras coisas, uma compreensão acerca do modo como se dá a construção da pessoalidade no discurso, isto é, de como adquirimos nosso senso de unicidade, singularidade e continuidade pessoal – as noções centrais que sustentam a concepção acerca do que é ser uma pessoa em qualquer cultura, segundo Harré.

Conforme afirmamos anteriormente, segundo Harré (1998), a Psicologia Discursiva propõe que a especificidade do ser humano reside em sua capacidade de produzir sentido sobre si mesmo e sobre o mundo em que vive, isto é, em sua habilidade de produzir explicações discursivas. Para ele:

A tese psicolinguística da construção social da pessoalidade é simplesmente a de que, ao adquirir a capacidade gramatical do uso dos artifícios de primeira pessoa, as singularidades do *self* são trazidas para a coordenação como o senso que eu tenho de meu próprio ser como uma singularidade, meu contínuo ponto de vista. (p.18)

Na defesa desta concepção, o autor começa descontruindo o conceito do *sélf*, usualmente referido como entidade na ciência.

De acordo com as idéias do construcionismo, propostas, este aspecto remete à dimensão do que é ser uma pessoa, algo próprio da

Além disso, ter um senso de *self* é ter também uma dimensão de singularidade, de se ter um conjunto único de propriedades pessoais que, mesmo mutáveis, constituem-se como uma entidade única e diferente de todas as demais. A possibilidade de semelhança com outros, por sua vez, implica em ser diferente dos outros e, portanto, ter outras propriedades, ainda que possa haver inúmeras semelhanças entre os *self*s. Este aspecto é denominado por Harré de "relação com um terceiro aspecto, o "*self* 3". O que é que é o "self 3"? É a maneira como as impressões que esta totalidade de atitudes e propriedades provoca no outro.

A partir disso, Harré (1998) propõe que uma entidade, mas sim “uma posição a partir da qual se percebe o mundo e o lugar a partir do qual a diversidade do que é ser uma pessoa é entendida” em concordância com a perspectiva composta por ele descrita. Assim, enquanto os *sehos* são ficções gramaticais, as pessoas são descritas existentes, constituídas pelo conjunto de *self* – o que é descrito e sintetizado no padrão”:

Pessoa $\{Self1, Self2, Self3\}$.

Cada um destes *sehos* encontra sua forma de expressão nos discursos e formas narrativas de modo que as práticas discursivas se constituem em privilégio para a investigação da personalidade de vida humana. Para ele, enquanto a expressão pode ser observada em nossa gramática, especialmente através do uso do pronome eu, é a expressão pelo qual assumimos nosso ponto de vista, a expressão de localização como ser responsável, a expressão de que o sujeito 2 pode ser verificada nos diversos discursos que organizamos discursivamente, os discursos pessoais em uma história de vida descrita como contínua e singular.

Na compreensão do modo como se discursiva do *self*, a Teoria do Posicionamento

acerca do que é ser uma pessoa. Para este autor, ser uma pessoa remete a pensar um ser com uma corporeidade única, mas com atributos e poderes diversos e uma história distinta de todos os outros seres, que deve assumir-se como ator responsável, com direitos e deveres em relação a outras pessoas. São estas as características básicas que definem o que é ser uma pessoa e que demandam por um discurso de *self* referido à unicidade, singularidade e continuidade da experiência pessoal. A proposta de Harré (1998) é a de que “o conjunto de conceitos pessoais que caracterizam os discursos de *self* assume o papel de uma gramática, de regras que tornam o discurso sobre pessoas possível” (p.72).

Ter um senso de *self* é estar determinado a se expressar de determinadas formas, seguindo as convenções normativas que orientam e legitimam nossas descrições acerca de nós mesmos. Portanto, a análise da gramática e das formas

narrativas é o campo de investimento da ciência psicológica discursivamente. É nos discursos que a maioria dos significados são construídos, bem como no discurso

Construcionismos em Diálogo e Implicações para o Conceito de Pessoas

Considerando nosso objetivo de comparar as diferentes descrições de Gergen e Harré, elaboramos uma tabela comparativa (ver Tabela 1), considerando as principais considerações destes autores que se encontram sintetizadas. Privilegiaremos uma análise da lógica interna das descrições, sem ser possível explicitar os aspectos teóricos de forma determinada de se conceber a pessoa.

Tabela 1
Comparação das Descrições de Construcionismo e suas Implicações segundo Gergen e Harré

<i>Definições</i>	<i>Gergen</i>	<i>Harré</i>
Construcionismo Social	<ul style="list-style-type: none"> 1) a especificidade cultural e histórica de conhecermos o mundo. 2) a primazia dos relacionamentos humanos na produção e sustentação do conhecimento. 3) a interligação entre conhecimento e ação. 4) a valorização de uma postura crítica e reflexiva 	<ul style="list-style-type: none"> 1) condição etiológica e social de construção de um self. 2) relacionamento inicial entre o self e o mundo. 3) especificidades do conhecimento social. 4) base lingüística essencial para a construção de um self. 5) condições morais e materiais para a construção de um self. 6) de linguagem / diversidade de discursos e da sintaxe da lingüística social. 7) da narrativa e da construção de um self.
Ciência	<ul style="list-style-type: none"> 1) Psicologia: desafio à suposição de um objeto e metodologia únicos. 2) Empreendimento da cultura <ul style="list-style-type: none"> - Epistemologia social - Ciência como prática social 3) Visa gerar inteligibilidades <ul style="list-style-type: none"> - Crítica interna, cultural e pesquisa de desalojamento - Desconstrução, democratização e reconstrução 	<ul style="list-style-type: none"> 1) Psicologia: estudo da personalidade humana. 2) Epistemologia dualista <ul style="list-style-type: none"> - aspectos biológicos e culturais - produção discursiva da personalidade 3) Psicologia discursiva <ul style="list-style-type: none"> - objeto: pessoa {<i>self</i>} - método: estudo das estruturas e das formas narrativas da linguagem social

Conforme apontamos na Tabela 1, Harré e Gergen partem de diferentes posições epistemológicas para o entendimento da produção do conhecimento. Enquanto Gergen parte de uma desconstrução da noção de realidade, enfatizando a natureza construída de nossas descrições de mundo e o caráter situado das mesmas – assim afirmando a multiplicidade possível de descrições ontológicas – Harré parte da dualidade ontológica sustentada tanto pela universalidade da condição relacional e lingüística do ser humano quanto pela diversidade possível de significação, considerando o uso situado da linguagem e a influência do contexto histórico e cultural.

Deste modo, a realidade da condição etiológica humana – de um ser em relação e com capacidade para linguagem – é adotada por Harré, o que caracteriza uma forte distinção em relação à visão de Gergen. Nem mesmo este tipo de realismo é endossado por Gergen, que entende ser este também mais um discurso possível acerca da realidade do mundo e da natureza humana, um discurso situado, socialmente construído e, portanto, não universal. Contudo, no que tange à diversidade das formas de significação e a influência das condições culturais e relacionais nos processos de produção de sentidos, as propostas destes autores se aproximam. Ambos apontam para a importância do contexto sócio-cultural e da dimensão temporal nos processos relacionais de significação.

A importância do relacionamento com o outro no construcionismo de Harré é decorrente de uma dotação biológica ao nascer, de sua fragilidade, de uma condição etiológica específica: a dependência do outro para seu desenvolvimento. Nesta construção teórica, a relação com o outro se refere a uma inevitabilidade ontológica. Já em Gergen não se trata mais de uma inevitabilidade ontológica, mas de uma opção epistemológica do autor. A partir de uma epistemologia social, a relação com o outro é considerada a unidade básica para o estudo da construção social da pessoa, e como tal, o relacionamento precede a pessoa. Como podemos ver, são diferentes justificativas para a ênfase comum nos processos sociais de construção da realidade.

epistemologia social. De acordo com estes pri...
não deve supor um objeto único e uma me...
de investigação.

Por outro lado, a visão construcionista...
considerando os aspectos universais do huma...
capacitantes para a aquisição da habilidade...
proposição de uma epistemologia dualista...
dupla ontologia. Para ele, a Psicologia dev...
os aspectos biológicos próprios da etologia...
as práticas discursivas onde os fenômeno...
produzidos – sendo estas o objeto de estu...
de uma Psicologia Discursiva. Assim, ao con...
Harré propõe a “pessoa” como objeto de...
focalizando, em especial, o modo como os...
artifícios retóricos, são utilizados na con...
senso de pessoalidade e, em consequênci...
estudo da gramática como a metodologia...
uma Psicologia Discursiva.

Por fim, estas diferentes premissas e...
concepções acerca dos empreendimen...
psicológica geram também reflexões...
distintos acerca do *self*. Embora ambos os...
o *self* como uma construção discursiva e...
dos relacionamentos entre as pessoas, est...
de construções teóricas distintas e result...
específicas de investigação e prática no ca...

Ao situar o *self* como construção social,...
atenção para os diferentes discursos co...
self (discurso romântico, moderno e pós-n...
condições históricas que propiciaram e...
construções. Assim, aponta para o car...
histórico destas descrições, desconstruindo...
existe uma demanda imanente pela est...
identidade e dando visibilidade aos processos...
de saturação social, que parecem propiciar a...
novo vocabulário de *self*, onde a diversida...
narrativa são promovidas. A partir disso, Ge...
necessidade de refletirmos acerca das i...
“self” e suas relações com o “real”.

como artifícios retóricos pelos quais expressamos as noções de unicidade, singularidade e continuidade. Para ele, estas são descrições que definem o que é ser uma pessoa em qualquer cultura. Isto porque a corporeidade humana demanda por estas formas discursivas específicas, isto é, pelo discurso do *self* singular. Em outras palavras, existe uma demanda imanente e natural pelo discurso da unicidade, da singularidade e da continuidade pessoal e, estes aspectos encontram na gramática suas formas particulares de expressão. O *self* 1 pode ser observado através do uso dos pronomes gramaticais de primeira pessoa, o *self* 2 pode ser evidenciado nos discursos auto-biográficos e o *self* 3 nas referências de uma pessoa sobre o *self* de outra.

Assim, a tese dualista de Harré se presentifica também em sua conceituação do *self*, onde tanto a universalidade como a diversidade são fundamentais. Ao mesmo tempo em que existe uma demanda por um discurso singular do *self*, Harré ressalta que esta construção vai variar de acordo com o contexto cultural e as convenções narrativas diversas que orientam a construção destes discursos. Além disso, ressalta que esta construção discursiva do *self* se dá relationalmente, através dos jogos de posicionamento entre as pessoas. Estas se constituem ao assumirem para si mesmas e atribuírem aos outros determinadas posições, de acordo com as contingências do relacionamento imediato, do contexto cultural e da linha de história em curso.

Considerações Finais

Ao compararmos estes autores muitas perguntas podem ser levantadas. Contudo, tal como já assinalamos, não objetivamos marcar rigidamente a distinção entre ambos, na afirmação da verdade sobre cada uma destas propostas. Isto seria apenas um artifício retórico. Assim, esperamos ter apontado algumas tensões que atravessam as descrições destes autores construcionistas comuns a vários de seus

pares e que se encontram presentes com outras teorias sobre o conceito de *self*.

A percepção de que a diferença entre os autores acerca da natureza da construção social é maior que as suas visões de ciência, pode ser explicada por sua metodológica e teórica maioritariamente interessados no estudo do *self* e suas relações com os fenômenos psicológicos e sociais.

Referências

- Burr, V. (1995). *An introduction to social constructionism*. London: Sage.
Danzinger, K. (1997). The varieties of social constructionism. In R. Harré & G. Gillett (Eds.), *The discursive turn* (pp. 399-416). Oxford: Blackwell.
Gergen, K. J. (1985). The social construction of reality. *American Psychologist*, 40, 266-275.
Gergen, K. J. (1991). *The saturated self*. Newbury Park, CA: Sage.
Gergen, K. J. (1997). *Realities and relationships*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
Gergen, K. J. (1999). *An invitation to social construction*. London: Sage.
Hacking, I. (1999). *The social construction of what*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
Harré, R. (1998). *The singular self: An introduction*. London: Sage.
Harré, R. & Gillet, G. (1994). *The discursive turn*. Oxford: Blackwell.
Harré, R. & Van Langenhove, L. (Orgs.). (1999). *Meaning in action: Essays in social interaction*. Oxford: Blackwell.
Nightingale, D. J. & Cromby, J. (1999). *Social constructionism*. Basingstoke: Open University Press.
Parker, I. (1998). *Social constructionism, discourse and subjectivity*. London: Sage.
Rasera, E. F. (2002). *Relatório de pesquisa/ E. F. Rasera*. São Paulo: Ed. da USP.
Shotter, J. (1993). *Conversational realities*. London: Sage.
Spink, M. J. (1999). *Práticas discursivas e processos de construção social*. São Paulo: Cortez.
Zuriff, G. (1998). Against metaphysical social constructionism. *Philosophical Papers*, 26, 5-28.